

OPERAÇÃO RONDON PARANÁ 2018: UMA PORTA ABERTA PARA A REALIDADE DOCENTE EM ESCOLAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE UNIÃO DA VITÓRIA – PR

Evandro de Oliveira Lourenço (1);

Emi Rainildes Lorenzetti (2);

¹Instituto Federal do Paraná – Campus Palmas – Acadêmico do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas

²Instituto Federal do Paraná – Campus Palmas – Docente do Colegiado de Agronomia

edeoliveiraloureno02@gmail.com

Introdução

A Operação Rondon Paraná 2018, é um projeto de extensão universitária criado em 2015, como o intuito de levar acadêmicos de diferentes áreas para comunidades carentes do estado do Paraná, afim de que os mesmo exerça seu papel social dentro da sociedade, desenvolvendo atividades tanto para a comunidade em geral como para multiplicadores daquela região.

Esse projeto foi idealizado a partir de um projeto coordenado pelo Ministério da Defesa chamado de Projeto Rondon criado em 1967 que homenageia Marechal Candido Mariano Rondon. A finalidade é a mesma, porém este trabalho é de abrangência nacional.

O Núcleo Extensionista Rondon da Universidade Estadual de Ponta Grossa tem por objetivo possibilitar o intercâmbio dos acadêmicos e a inserção da Universidade em diferentes áreas de conhecimento e em diversos cenários do Estado do Paraná e do Brasil, na busca do desenvolvimento local, regional e nacional, tendo por base a interdisciplinaridade, a interação entre a Universidade e a Sociedade, por meio de ações de Extensão no âmbito da UEPG, reforçando a missão da Universidade diante a realidade social (NER - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, 2017).

Em sua quarta edição a Operação Rondon UEPG 2018, contou com a participação de 14 instituições de ensino superior tanto do Paraná quanto do Espírito Santo e São Paulo, e a região escolhida para desenvolver as ações da operação foi a região sudeste do estado do Paraná. A cidade sede foi União da Vitória e municípios vizinhos também foram atendidos pelo projeto sendo eles: São João do Triunfo, Bituruna, General Carneiro, Porto União – SC, Porto Amazonas, Paula Freitas, Cruz Machado e Porto Vitória. Contou ainda com a participação voluntária de 250 acadêmicos denominados rondonistas.

A operação Rondon valoriza a socialização e o companheirismo dentro de toda a jornada, no ano de 2018 a operação iniciou no dia 22 de Julho e teve seu encerramento no dia 04 de Agosto, foram 12 dias de muitas oficinas aplicadas, muitas vivências compartilhadas e principalmente muita cidadania.

Cada cidade participante abrigou duas instituições de ensino. O Instituto Federal do Paraná campus Palmas juntamente com sua IES co-irmã a Fundação de Estudos Sociais do Paraná (FESP) na cidade de União da Vitória município sede da Operação.

O Campus Palmas do Instituto Federal do Paraná (IFPR) tem participado das Operações do Projeto Rondon por intermédio do Núcleo Extensionista Rondon IFPR, criado para a elaboração de projetos para o Ministério da Defesa e para a capacitação dos alunos com vistas

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

às suas atuações nos municípios selecionados. O IFPR Campus Palmas foi calouro na operação Rondon UEPG, porém a IES já tinha experiência em operações do Projeto Rondon Nacional onde já participou de 4 Operações sendo elas: Operação Itapemirim no estado do Espírito Santo, Operação Tocantins no estado do Tocantins, Operação Cinquentenário no estado de Rondônia e a mais recente Operação Pantanal no estado do Mato Grosso do Sul.

O Instituto Federal do Paraná campus Palmas foi criado em 2010 com a federalização da Universidade Católica do Sudoeste e passou-se a chamar IFPR, sua primeira participação no Projeto Rondon foi em 2016, e desde então tem-se consagrado em todas as operações posteriores. (IFPR, CAMPUS PALMAS, 2017).

Trabalhar a extensão universitária no campus Palmas tem se tornado um dos focos da instituição, visto que é através da extensão que seus alunos e professores tornam-se melhores profissionais, preparados para a realidade da sociedade a qual atuam.

A formação de professores é uma preocupação da instituição pois, é através da mesma que nossos jovens serão formados e para isso o mundo exige pessoas com criticidade, com criatividade e que saiba lidar com situações diferenciadas.

A extensão universitária surge na Inglaterra no século XIX, como educação continuada (Lifelong Education), era então destinada a pessoas adultas que não tinha acesso a universidade. No Brasil, o Decreto do Estatuto das Universidades Brasileiras de 1931 não menciona a extensão como uma função da universidade, limitando-se a divulgação de pesquisas direcionadas para uma população mais instruída. Foi só no início da década de 1960 que a extensão como a conhecemos hoje, indissociável do ensino e da pesquisa, tomou corpo quando surgiram ações de compromisso com as classes populares, com a intencionalidade de conscientizá-las sobre seus direitos. Em prática duas vertentes de extensão educacional surge, uma mais voltada ao assistencialismo e outra ao não assistencialismo, ou podemos dizer também que uma prática extensionista e outra não extensionista (GADOTTI, 2016, p.2)

O presente trabalho tem por objetivo abordar as práticas pedagógicas trabalhadas dentro da Operação Rondon UEPG 2018, e como essas práticas auxiliam acadêmicos dos cursos de licenciatura, pois o projeto atua muito dentro do ambiente escolar, no qual estão inseridas diversas realidades e assim preparar futuros professores para a prática.

Metodologia

As atividades realizadas foram no município de União da Vitória-PR, em escolas tanto de ensino infantil e fundamental I como escolas de ensino fundamental II e ensino médio respectivamente. Ao todo foram trabalhados em 13 instituições de ensino público do município, sendo sete delas de ensino infantil e ensino fundamental I, Escola Municipal Duque de Caxias, Escola Municipal Infantil Professora Miguelina H. Treuke, Escola Municipal Infantil Vitória Fernandes, Escola Municipal Infantil Professor Dídio Augusto, Escola Municipal Infantil Fruma Ruthenberg, Escola Rural Municipal Interventor Manoel Ribas, Escola Rural Municipal Professor Waldomiro Antonio de Souza, e seis de ensino fundamental II e ensino médio, Colégio Estadual Inocêncio de Oliveira, Colégio Estadual Bernardina Schleder, Colégio Estadual Judith Simas Canellas, Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos de União da Vitória (CEEBJA), Colégio Estadual do Campo Rio Vermelho e Colégio Estadual do Campo Aniz Domingos.

Dentro deste contexto foram trabalhadas atividades em formas de oficinas. A oficina pedagógica constitui o lugar do vínculo, da participação, da comunicação, da produção social de objetos, acontecimentos e conhecimentos (González, apud Candau, 1995, p. 117). Nessas oficinas foram trabalhados diversos temas como: educação ambiental, educação sexual,

formação profissional, saúde e até mesmo atividades de reflexão emocional. Dentre todas as oficinas trabalhadas destacamos a oficina da “Árvore dos Prazeres” que foi uma das atividades onde pode-se perceber melhor a realidade do educandos das escolas.

Essa oficina foi aplicada para ensino fundamental II e ensino médio, atingindo um público de adolescentes entre 12 á 18 anos, a atividade consiste em: entregar aos alunos três pedaços de papéis onde no primeiro teriam que colocar três prazeres, após terem entregado para os mediadores, eles escreveram prejuízos ou benefícios que aqueles prazeres causariam e em um ultimo momento apontar uma solução para os prejuízos dos prazeres citados, ao fim os mediadores formalizam uma fala de motivação para que os mesmos tenham consciência do que estão fazendo consigo próprios, a atividade em questão foi aplicada em 4 dos 5 colégios visitados sendo eles: Colégio Estadual Inocêncio de Oliveira, Colégio Estadual Judith Simas Canellas, Colégio Estadual Bernardina Schleder e Colégio Estadual do Campo Rio Vermelho. A oficina dos sentidos foi aplicada na Escola Municipal Vitória Fernandes, e o público alvo foram crianças de 6 a 10 anos de idade respectivamente, a oficina em questão foi idealizada e realizada da seguinte forma: foi reservada uma sala de aula onde os rondonistas fizeram um caminho com materiais próprios, durante essa trilha foi posto areia, britas e folhas secas, nessa parte do percurso os alunos teriam que andar sobre os materiais vendados e através do tato identificar em que os mesmos estavam pisando, na segunda parte do percurso os discentes tiveram que sentir odor e gosto de alguns alimentos e através do olfato e paladar identificar os alimentos, em uma terceira parte da trilha os educandos tiveram que tocar em alguns objetos e novamente através do tato distinguir em que estavam tocando, e por fim do trajeto foi usado material de mídia como notebook e caixas de som para por sons de animais e da natureza, e através da audição apontar do que seria o áudio.

Na questão de saúde foi idealizada uma oficina de zoonoses, verminoses e higiene pessoal, na qual foi aplicada na Escola Municipal Fruma Ruthemberg, Colégio Estadual do Campo Rio Vermelho e Colégio Estadual Bernardina Schleder, abrangendo crianças e adolescentes dos 9 aos 18 anos de idade. A oficina foi dada em forma de palestras mas dentro da sala de aula com apresentação de slides, onde foi abordada algumas doenças causadas por vermes como: Teníase, Cisticercose, Ascaradíase, Ancilostomose e Esquistossomose, e algumas zoonoses como a raiva e a toxoplasmose.

Resultados e Discussão

Nas ações feitas nas escolas foi possível perceber a existência de carência de aprendizagem e assim trabalhar em prol dessa problemática. Na oficina Árvore dos prazeres foi iminente a presença de erros de grafia em língua portuguesa, mas o mais grave o envolvimento de muitos alunos do ensino médio com drogas, foi perceptível o desinteresse por parte dos alunos, muitos sem perspectiva para o futuro pois, em conversa com os alunos percebeu-se que eles os mesmos não pensam em entrar em uma universidade e muito menos falam em estudar. Partindo desse principio uma discussão plausível nesse caso seria trabalhar a ética e cultura e motivação através de atividades lúdicas para que haja o interesse dos alunos.

Assim a oficina constitui um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de um confronto e troca de experiências Candau (1995). Além de atividades em sala de aula foram feitas práticas com alunos da educação infantil e ensino fundamental I fora de sala de aula voltada para a ludicidade, como é o caso da oficina dos sentidos, onde os alunos tiveram uma experiência impar ao realizar essa oficina.

Já na oficina de zoonoses, verminoses e higiene pessoal, percebeu-se uma grande falta de instrução relacionado ao tema, já que é um assunto muito comum, houveram muitas dúvidas e na medida do possível os mediadores iam respondendo, o principio dessa oficina partiu do

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

conhecimento prévio dos discentes para que houvesse um feedback entre os alunos e os aplicadores da oficina.

Em geral a Operação Rondon traz o melhor compartilhamento de experiências possíveis, e é por esse projeto que percorre a nossa formação social, profissional e política, nessa troca de realidades foi possível estabelecer uma descrição do que é um projeto de extensão, essa troca nos permite fazer reflexões do meio no qual estamos inseridos e o meio que nos rodeia, e assim a aprendizagem se torna cada vez mais significativa, Calipo (2009, p.4) diz que “[...] [os] projetos de extensão universitária crítica facilitam uma aprendizagem de saberes recíprocos e devem agregar integrantes da universidade e da comunidade popular, sob uma linha horizontal do conhecimento [...]”.

Relatos de extensão universitária nos fazem refletir muito sobre a forma de atuação do educador para o educando, é através desse processo que o conhecimento é passado, já que conhecendo as realidades consegue-se lidar com situações antes diferentes para o docente. Trabalhar a extensão em universidades tem se tornado cada vez mais evidente, pois, é por essa alternativa pedagógica que é feita a formação política e social de um indivíduo.

As discussões sobre a extensão e docência iniciaram-se no século XX, porém na atualidade está bastante em foco visto que a graduação em licenciatura necessita de ferramentas que capacitem seus alunos de uma forma prática, não somente aquela prática que será avaliada, mas também uma prática onde o aluno se insira de forma voluntária e que está forma de projeto traz a tona relatos de experiências na qual muitos valorizam essa forma de aprendizagem, assim “O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos em “coisas” (FREIRE, 1979, p. 19) .

A extensão universitária deve contribuir com a produção e transmissão do conhecimento na universidade e, portanto, proporcionar uma mudança significativa no processo pedagógico do ensino, de modo a garantir que docentes e discentes se transformem em sujeitos do ato de aprender, provocando desta forma a socialização e democratização do saber acadêmico, possibilitando a participação interna e externa na vida universitária. (CAMPANI, 2016)

As atividades extensionistas se apropriam de várias formas para lidar com o público alvo, já que essa é a função da extensão, fazer com que acadêmicos saibam trabalhar e entender variadas condições. No meio da licenciatura se faz de extrema importância essa aproximação de acadêmico com sociedade na qual o mesmo irá atuar futuramente. Por isso a extensão se faz como a “atividade acadêmica capaz de imprimir um novo rumo à universidade brasileira e de contribuir significativamente para a mudança da sociedade” (FORPROEX, 2001a).

Os resultados de um projeto de extensão não são medidos pela complexidade do seu trabalho, mas sim pelo alcance que aquele trabalho causou e o que mudou na sociedade, tanto de forma positiva quanto de forma negativa. Dentro do meio licenciando a extensão vem como aliado a teoria, já que os estágios obrigatórios não dão a formação suficiente para o acadêmico. Deve se buscar formas de melhorar essa formação o que na atualidade é um desafio, para que hajam frutos dessa construção humana que se perfaz por meios diferentes de aprendizagem é preciso muito mais do que simples estágios, que muitas das vezes são uma ferramenta que acaba por fazer com que o acadêmico se desgoste do que está fazendo, pelo fato de que não tem vivências, não sabe como vai lidar com as múltiplas diversidades de uma sala de aula. Assim vale ressaltar que as ações de extensão sejam um espaço onde os estudantes possam vivenciar experiências significativas a fim de proporcionar-lhes reflexões acerca das grandes questões da atualidade e, a partir da experiência e dos conhecimentos produzidos e acumulados, construir uma formação compromissada com a realidade da população brasileira (FORPROEX, 2006). A relação é muito estreita quando muitos comparam a pesquisa e extensão, do modo de vista leigo a extensão é igual a pesquisa, mas estudando percebe-se o quanto de diferença tem esses dois parâmetros dentro da universidade no Brasil, para

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Carbonari e Pereira (2007), o grande desafio da extensão é repensar a relação do ensino e da pesquisa às necessidades sociais, estabelecer as contribuições da extensão para o aprofundamento da cidadania e para a transformação efetiva da sociedade.

A extensão universitária causa a aproximação entre educando e educador perfazendo laços de aprendizagem que proporcionam conhecimento para os dois lados, esse processo nos diz como instigar a criticidade, a criatividade e a ludicidade dos acadêmicos dos cursos de licenciatura, Nesse sentido temos uma conscientização sobre a extensão e a formação docente, Freire (1977: 36) destaca que “o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julgam não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações”. Dentro da Operação Rondon percebemos o quanto é valioso a doação de si mesmo para o ensino e capacitação de terceiros, essa experiência ultrapassa a sala de aula, ela faz com que alunos de ensino superior tenham a integração com o meio social diferente do seu e com isso capacitando os mesmos para as múltiplas praticas culturais de uma determinada comunidade. É importante ressaltar que “A relação da universidade com a comunidade se fortalece pela Extensão Universitária, ao proporcionar diálogo entre as partes e a possibilidade de desenvolver ações sócio-educativas que priorizam a superação das condições de desigualdade e exclusão ainda existentes. E, na medida em que socializa e disponibiliza seu conhecimento, tem a oportunidade de exercer e efetivar o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos” (ROCHA 2007 apud SILVA, 2011, p.2).

Conclusões

A sala de aula faz conviver com adversidades que não estamos acostumados a presenciar e nem sempre o professor tem a solução para a gama de problemas que surgem, e isso é culpa do docente? Não vemos isso como se o profissional recém-formado tivesse toda a culpa, pois, é de extrema importância que as universidades de todo o Brasil investisse em extensão universitária, é por esse tipo de trabalho que se consegue formar pessoas competentes que sabem tomar decisões quando necessário, que consigam trabalhar temas difíceis sem que os alunos se sintam coagidos diante de tema. Portanto trabalhando a formação e a extensão todos se beneficiam, tanto acadêmicos quando a comunidade que está recebendo as capacitações e atividades exercidas pelos “rondonistas” assim denominados os alunos que participam do projeto. Com tudo que já foi especificado vemos e percebemos a total importância de se ter uma formação acadêmica extensionista fundamentada na prática docente, pois é com esse tipo de trabalho que o licenciando consegue ter a noção de como é a realidade de sua futura profissão e assim se preparar para o que irá vim no futuro, como sabemos a profissão de docente não fácil e precisamos que a formação inicial melhore cada vez mais, só assim teremos bons professores atuando e como principal amor pelo que escolheu e faz, e com isso chegaremos a um futuro promissor aos nossas crianças e jovens.

Referências

CALIPO, Daniel. Projetos de extensão universitária crítica: Uma ação educativa transformadora. Campinas, 2009. Base de dados do Scielo. Disponível em: <http://www.itcp.unicamp.br/drupal/files/Projetos%20de%20extensao%20universitaria_%20Daniel%20Bortolotti.pdf>. Acesso em: 27 ago.2018.

CANDAU, Vera Maria et al. Oficinas pedagógicas de direitos humanos . 2ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.

CARBONARI, Maria; PEREIRA, Adriana. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. São Paulo, Setembro de 2007. Base de dados do Anhanguera. Disponível em: <<http://www.sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/viewArticle/207>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

FORPROEX, 2001. Avaliação nacional da extensão universitária. Brasília: MEC/SEB/UFPR/UESC-BA.

FORPROEX, 2006. Política Nacional de Extensão Universitária. Porto Alegre: UFRGS

FREIRE, Paulo, Extensão e comunicação? Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1977

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

IFPR, INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ - CAMPUS PALMAS, 2017. (<http://palmas.ifpr.edu.br/about/menu-institucional/o-instituto/>). Acesso em 27 agosto 2018.

NER - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, 2017. (<http://www.uepg.br/rondon/>). Acesso em 27 agosto 2018.